

# Gustavo Franco comenta o “economista” Fernando Pessoa\*

Os artigos e notas que Fernando Pessoa publicou sobre economia na Revista Contabilidade e Comércio (Lisboa, 1926) foram inicialmente reunidos em *Textos para dirigentes de empresas* (org. de Eduardo Freitas da Costa, 1969), em *Sociologia do Comércio* (org. de “Petrus”, s/d), em Fernando Pessoa, comércio e publicidade (org. de António Mega Ferreira, 1985) e por nós, no volume ampliado *Estatização, Monopólio, Liberdade e outros estudos sobre Economia e Administração* (1.ª. ed. 1992, 2.ª. ed. 2004).

O nosso trabalho incluiu o estudo “Fernando Pessoa, analista de economia”, referindo o comentarista, o empregado de escritório, o empresário, o publicitário e o inventor. Em outro livro, *Fernando Pessoa e a Comunicação Social* (2000) aditamos outros comentários, esclarecendo que, além da entrevista com o Poeta-Economista, baseada rigorosamente nos textos pessoanos, publicamos, em 1975, a entrevista com Pessoa, ao mesmo tempo que estabelecemos pela 1.ª. vez uma “cronologia da vida comercial e das experiências empresariais de F.P.”, enumerando também a bibliografia essencial sobre as actividades que garantiram a subsistência do escritor ortónimo (pois os heterónimos não comiam nem bebiam, pela simples razão de que não eram seres vivos).

Vários estudiosos têm mencionado as actividades económicas de Pessoa, mas na realidade limitaram-se apenas a certos aspectos gerais, biográficos e interpretativos. Aliás, a-par das obras que abordaram especificamente os comentários do “economista”-poeta, não havia até há pouco a análise de um autêntico economista, que se destacou agora com o livro *A economia em Pessoa* trata-se do empresário e escritor Gustavo Henrique Barroso Franco, que foi presidente do Banco Central e que deve ser inscrito entre os principais economistas do Brasil.

Gustavo Franco usou não apenas as informações contidas nos quatro citados livros,

pois transcreve até a nossa “entrevista póstuma” com o poeta-economista da *Revista de Comércio e Contabilidade* (o director era o seu cunhado e amigo Francisco Caetano Dias, autor de pelo menos um livro sobre questões económicas que era recomendado pelos professores de algumas escolas comerciais portuguesas).

O economista brasileiro garante que Fernando Pessoa estava “excepcionalmente equipado” como comentador da economia, “pelo menos em dois sentidos: de um lado, o habilidoso administrador de uma rede de cerca de setenta pseudónimos e heterónimos com formações e qualidades as mais diversas, incluindo a engenharia naval, as artes do oculto, a militância política e a helenística. Como poderia não haver um economista no grupo?”.

Gustavo Franco transcreve passagens de 11 textos pessoanos, assim como a entrevista que fizemos para a *Revista de Economia Banas*, em 1975, transcrevendo-a integralmente, e vai ao ponto de falar das tendências políticas de Pessoa, assinalando que ele “nunca foi fascista”, mas citando Ricardo Zenith de que ele “também nunca se manifestou como anti-fascista”, opinião que não seguimos, com base nos textos e interpretações no volume que elaboramos e vamos publicar (*Fernando Pessoa, Salazar e o Estado Novo* é o título provisório do nosso trabalho). E o 1.º dos textos pessoanos reproduzidos é o intitulado “Estatização, Monopólio, Liberdade”, sublinhando.

Gustavo Franco que tem sido um dos temas mais polémicos dos últimos anos: “A privatização é o remédio do final do século XX para os males que o poeta expõe” de uma forma que “alcança o universal e assim penetra na fronteira mais conflorada e animada do debate brasileiro sobre o papel do Estado na economia brasileira no século XXI”. (E não só do Brasil: os venezuelanos e outros latino-americanos estão enredados num obsoleto “bolivarismo” que remonta ao século XIX e que por si-mesmo se auto-define).

A dedução pessoana é de 1926(ou antes?)—as vantagens e desvantagens da administração estatal do monopólio e da liberdade de comércio “pertencem à própria essência e generalidade de cada sistema”. É o que se depreende igualmente da ainda discutida globalização dos nossos dias, analisada pelo escritor-economista, acrescentando Gustavo Franco: “Na fase mais avançada da evolução do comércio, o poeta exalta o jornalismo, onde vê o vértice da popularização da ciência e da cultura num mundo cujas fronteiras foram ampliadas pelo comércio, e desanca a ‘sindicação’ e o ‘nacionalismo’ que vê crescer perigoso na Alemanha” (destaque-se que o comentário pessoano vem confirmar aquele nazifascismo que se rotulava de um “socialismo” inexistente).

Após as considerações de Fernando Pessoa sobre “A evolução do comércio”, vem o texto “Contra as algemas no comércio”, levando o economista brasileiro a citar “a tese principal — a de que o ‘exagero’ na ‘rede de protecção social’, ou na ‘protecção da indústria local’, pode prejudicar exactamente aqueles a quem procura beneficiar — é actualíssima”.



E segue-se o texto pessoano “A essência do comércio”, opinando Gustavo Franco: “Ao dizer que ‘o comerciante não é mais que um servidor do público’, Pessoa capturou a essência do que deve ser a essência da empresa bem sucedida no mundo globalizado”.

Vêm depois as advertências pessoanas sobre “Projectos de concentração industrial” e o tema “Organizar” — “fazer de qualquer coisa uma entidade que se assemelhe a um organismo, e como ele funcione”. Não menos oportuno é a referência do capítulo “Quando a lei estimula a corrupção”, sustentando o ex-presidente do Banco Central do Brasil que Pessoa chama a atenção “para um dos temas mais caros ao activismo corporativo de nossos dias, a independência do conselheiro membro de Conselho Fiscal ou de Administração” e dos “Comissários do Governo”, acentuando que “são, amiúde, nomeações políticas, que não reúnem nem independência nem competência. O que diz Pessoa sobre auditoria independente está totalmente alinhado com as regras do nosso ‘Novo Mercado’. O activismo português e brasileiro tinha aqui,

sem saber, um dos seus mais valiosos e extraordinários aliados”.

Em outro capítulo, o homem que parecia saber... economia (há perto de um século (actualizando certas ponderações novecentistas de Acúrsio José das Neves) examina “Os preceitos práticos de Henry Ford”. E, já em apêndice, reproduz algumas “Regras de vida (os processos práticos de Fernando Pessoa)”, bem como as sugestões para “A reforma do calendário e as suas consequências comerciais” e para “O arquivo da correspondência”, ao mesmo tempo que enumera diversos “Conceitos e preconceitos” que devem estar sempre presentes na vida comercial. E finaliza com a transcrição da nossa entrevista com o Escritor-Economista, ideia que Gustavo Franco considerava “felicíssima” — a colagem publicada em São Paulo “já tem mais de 30 anos, mas nada perdeu da sua actualidade, o mesmo valendo para os textos de que se alimenta” (J.A.N.).

\* O livro *A Economia em Pessoa*, de Gustavo H. B. Franco, é um lançamento da Ed. Reler Ltda. Rio de Janeiro, 2006.